



Nada tão silencioso como o tempo
No interior do corpo. Porque ele passa
com um rumor nas pedras que nos cobrem,
e pelo sonoro desalinho de algumas árvores
que são os nossos cabelos imaginários.
Até na íris dos olhos o tempo
faz estalar faíscas de luz breve.
Só no interior sem nome do nosso corpo
ou esfera húmida de algum astro
Ignoto, numa órbita apartada,
o tempo caladamente persegue
o sangue que se esvai sem som.
Entre o princípio e o fim vem corroer
as vísceras que ocultamos como a terra.
Trilam os lábios nossos, à semelhança
das musicais manhãs dos pássaros.
Mesmo os ouvidos cantam até à noite
ouvindo o amor de cada dia.
A pele escorre pelo corpo, com o seu correr
de água, e as lágrimas da angústia
são estridentes quando buscam o eco.
Mas nós sentimos dentro do coração que
[somos
filhos dilectos do tempo e que, se hoje
[amamos,
Foi depois de termos amado ontem.
O tempo é silencioso e enigmático
imerso no denso calor do ventre.
Guardado no silêncio mais espesso,
o tempo faz e desfaz a vida.

Fíama Hasse Pais Brandão
(1938 - 2007)



Busque Amor novas artes, novo engenho,
para matar me, e novas esquivanças;
que não pode tirar-me as esperanças,
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde,
vem não sei como, e dói não sei porquê.

Luís Vaz de Camões
1524 (?) – 1580



POEMA INVOLUNTÁRIO

Decididamente a palavra
Quer entrar no poema e dispõe
Com caligráfica raiva
Do que o poeta no poema põe.

Entretanto o poema subsiste
Informal em teus olhos talvez
Mas perdido se em precisa palavra
Significa o que vê.

Virtualmente teus cabelos sabem
Se espalhando avencas no travesseiro
Que se eu digo prodigiosos cabelos
As insólitas flores que se abrem
Não têm sua cor nem seu cheiro.

Finalmente e sei que o mar
O pinheiro a nuvem valem a pena
E é assim que sem poetizar
Se faz a si mesmo o poema.

Natália Correia
(1923 – 1993)



NÃO POSSO ADIAR O AMOR

Não posso adiar o amor para outro século
Não posso
Ainda que o grito sufoque na garganta
Ainda que o ódio estale crepite e arda
Sob montanhas cinzentas
E montanhas cinzentas

Não posso adiar este abraço
Que é uma arma de dois gumes
Amor e ódio

Não posso adiar
Ainda que a noite pese séculos sobre as costas
E a aurora indecisa demore
Não posso adiar para outro século a minha

[vida

Nem o meu amor
Nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração

António Ramos Rosa
(1924 – 2013)

